

Entrevista com Espírito Santo Investment

José Maria Espírito Santo Ricciardi

Com **quality media press** para LA VANGUARDIA / Expresso

Esta transcrição reproduz fiel e integralmente a entrevista. As respostas que aqui figuram em linguagem coloquial não serão publicadas como tal na nossa reportagem. Elas serão alvo de uma revisão gramatical, sintáctica e ortográfica.

Quality Media Press - Os objectivos traçados vão ser atingidos até final do ano?

R. - Tenho quase seguro que vamos atingir os objectivos. Não posso adiantar os valores em concreto porque, em primeiro, seria sempre uma estimativa, e segundo porque nós mesmo na estimativa não podemos ser de um grande rigor e como se sabe somos um grupo que está cotado em bolsa. Vamos atingir antes de impostos um intervalo na casa acima dos 100 milhões de euros. Se pensarmos que neste banco em 2002 foi de 2 milhões e 700 mil e que não fizemos nenhum aumento de capital, acho que tem tido um óptimo percurso, os números falam por si.

Q. - Qual o "papel" de Espanha no percurso da empresa?

R. - Espanha tem um peso crescente nos nossos resultados na banca de investimento e não só, penso que este ano irá apresentar-se neste resultado global, por acima de 20% dos lucros. O nosso objectivo é um dia ter um resultado maior em Espanha do que em Portugal. A nossa aposta em Espanha na área da banca de investimentos, como noutras áreas, é de tal maneira forte que o nosso objectivo é a prazo ter um

resultado na banca de investimentos superior ao que temos em Portugal. É evidente que em Portugal somos líderes na banca de investimento, não o vamos ser em Espanha, mas o mercado espanhol também tem uma dimensão e um potencial muito superior ao de Portugal. Nós estamos a trabalhar para que um dia o resultado em Espanha seja muito superior ao que temos em Portugal.

Q. - Há alguma data fixada para atingir este objectivo em Espanha?

R. - Hoje em dia Portugal deve ter um resultado de 50% do resultado global. No estrangeiro Espanha nesse total tem já 20%. Espero que num prazo de 3 anos atinja a dimensão do resultado de Portugal e que depois a ultrapasse.

Q. - Que sectores consideram interessantes a nível de oportunidades no mercado ibérico?

R. - Em Espanha nós já atingimos em algumas actividades uma posição de relevo. Em 2006, na banca de investimentos, fomos o 2 banco da Península Ibérica, não fomos em montante mas em número de operações, así como ocupamos o 5 lugar na bolsa de Madrid como corretores. Há alguns anos dizia-se que para um banco de investimento português isto seria inalcançável. Temos uma ambição muito grande de prosseguir esta evolução. Nós continuamos a crescer nas actividades de mercado secundário, seja em dívida ou acções em Espanha. Uma das ferramentas para isto é o research, nós tivemos o privilegio de termos sido reconhecidos durante 2 anos consecutivos como uma das melhores casas de research em

Espanha e este ano 2 das nossas analistas espanholas são consideradas a 1ª e a 4ª da Europa.

O nosso objectivo é consolidar esta posição que temos nestas duas actividades muito importantes na banca de investimentos em Espanha para o ano, nos mercados secundários de acções e também de dívida e nas aquisições e fusões. As actividades que nós achamos que para o ano vão ter uma posição de destaque a desenvolver, são actividades de crédito especializado, nomeadamente em infra-estruturas, transportes e energias renováveis, onde se está a fazer um grande investimento em Portugal e Espanha, aqui somos líderes. Somos um dos principais bancos europeus tanto nas infra-estruturas e transportes como nas renováveis, estávamos em 7 lugar no 3 trimestre de 2007 na Europa. Nós contamos tanto em Portugal como em Espanha continuar a desenvolver estas actividades.

A nossa aposta onde ainda temos um caminho a fazer na banca de investimento para o ano em Espanha é estarmos em posições mais importantes no mercado primário de acções. Na banca de investimento já temos mais de 100 pessoas em Madrid por isso mostra a aposta que estamos a fazer só na banca de investimentos. Estamos convencidos que o crescimento em Espanha vai continuar como tem sido até agora.

Q. - Qual o motivo pelo qual o resto da banca portuguesa não tem tido uma grande agressividade para entrar no mercado espanhol?

R. - Há duas razões. A primeira é que não entendeu ou não teve a mesma sensibilidade que o Grupo BES que é um mercado cada vez mais integrado. Segundo, anda-se a preocupar mais com consolidações dentro do país em vez de se preocupar mais com a sua internacionalização. É óbvio que nós portugueses que não vamos poder ser bancos globais porque não somos nem norteamericanos nem ingleses, não temos o mesmo potencial por isso temos ir para mercado que conhecemos bem e que temos alguma diferenciação. No caso dos Grupo BES que nós chamamos do triângulo virtuoso que é a Ibéria, África e América Latina, não quer dizer que depois não estejamos noutros mercados. É evidente que se formos para Nova Iorque ou para Londres a situação será mais difícil apesar de termos que estar sempre nessas praças porque é aí que se concentram os investidores, mas não é para estarmos nos mercados internos desses países mas sim junto aos investidores para podermos distribuir os produtos que originamos.

Q. - O mercado ibérico é uma realidade em muitos sectores. A médio/longo prazo poderá falar-se de um mercado financeiro ibérico?

R. - De certeza absoluta. Acho que é um mercado ibérico a médio/longo prazo sem dúvida e só vão sobreviver aqueles que entenderem que o mercado vai ser ibérico e não um mercado em dois países. É óbvio para isso é preciso ter capacidade para concorrer para competir e para ver o

mercado espanhol por parte dos portugueses não como uma ameaça mas como um desafio e uma oportunidade.

Q. - A crise em Portugal já terminou?

R. - Portugal tem um crescimento muito frágil e muito inferior ao de Espanha e ao da média europeia. É um problema grave da economia portuguesa, esta melhor mas de uma forma insuficiente. Para dar uma ideia, Espanha crescer 25% nos últimos 8 anos, e Portugal cresceu 8% nos mesmos 8 anos. Acho que a responsabilidade não é de um partido político ou de um governos mas é uma questão colectiva. Temos de ter a humildade de reconhecer que Espanha fez melhor o seu trabalho e não é por uma questão de dimensão porque há países mais pequenos que Espanha e mais ricos como o caso da Irlanda, Áustria, Holanda.

O facto é que nós portugueses sobretudo a partir do ano de 2000 não fizemos bem o nosso trabalho e não resolvemos problemas estruturais que vem de trás. Portugal está melhor que há uns anos atrás, vamos crescer entre 1,8 e 2% e há uns anos trás o crescimento era 0%, mas é muito pouco. Portugal tem um problema que não está resolvido e que nos próximos anos e sobretudo o próximo não vai ser nada fácil para Portugal.

O sector bancário em Portugal teve um desempenho absolutamente extraordinário em geral, que se racionalizou, se virou um dos sectores mais modernos, eficiente, rentável e devido a situação do seu país tem que aumentar o seu grau de internacionalização.

Q. - Quer acrescentar algo a esta entrevista que considere relevante?

R. - A mensagem mais institucional é que a integração ibérico como falamos na área financeira é importante e está-se a dar mas tem que ser de forma equilibrada. A integração não é uma anexação, Portugal deve crescer na actividade do sector financeiro ou noutra qualquer em Espanha e vice-versa com alguns limites, é uma integração mas não uma anexação.